



Título: Viajar é preciso, relatar não é preciso: explorando Relatos de Viagens

Autoras: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriela Ligocki Pedro

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professor da turma: Nara Caetano Rodrigues

Ano: 1º (2012)

Contextualização do projeto: O trabalho com o gênero relato de viagem se deu por ser um dos gêneros previstos para se trabalhar no 1º ano e ser o assunto seguinte no planejamento da professora regente da turma, entretanto, os textos e a forma de abordagem do gênero foram de total escolha das estagiárias. Foram desenvolvidas atividades com os quatro eixos de trabalho com a língua a fim de que os alunos se apropriassem do gênero estudado. Além disso, as estagiárias, em conjunto com outras duplas de estagiários que estavam implementando projetos também no 1º ano e trabalhando com o mesmo gênero, puderam levar os estudantes a uma saída de campo a fim de proporcionar uma experiência de “viagem” para enriquecer o trabalho com o gênero em estudo. A produção final do processo de ensino e aprendizagem foi a publicação da versão final de um dos relatos produzidos por cada estudantes em um *blog* criado para a turma.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
1	2	Informações que envolvem a estrutura e características do gênero relato de viagem; leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.
2	2	Informações que envolvem a estrutura e características do tema relato de viagem; leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.
3	2	Variação linguística; leitura, oralidade, escuta; escritura de um relato de viagem.
4	2	Informações que envolvem o tema linguagem do Brasil antigo; informações que envolvem a estrutura e características da carta como relato de viagem; leitura, escuta, oralidade e interpretação dos alunos.
5	2	Escrita dos alunos
6	2	Análise linguística sobre coesão e coerência dos textos dos alunos; reescrita de texto; orientação para a escritura de um relato de viagem do passeio a ser feito na próxima aula.
7	2	Vivência de uma situação de viagem na condição do viajante que olha a terra a partir do mar; apreensão de informações históricas sobre o local. Caso a viagem não aconteça: Reescrita de texto; digitação do texto de acordo com as normas de digitação.
8	2	Exposição e socialização dos textos; leitura, escuta e oralidade

Gênero referência: relato de viagem

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de relatos de viagem; o trabalho com a leitura através dos materiais selecionados sobre o gênero; o exercício da oralidade a partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Desenvolver a compreensão sobre o gênero relato de viagem e suas características - estrutura, função social, meio de circulação, etc - a fim de exercitar a modalidade escrita da língua e ser capaz de escrever seu próprio relato de viagem.

Com relação à leitura: Desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê e ser capaz de identificar as particularidades do gênero estudado e de como este está inserido no nosso cotidiano.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar e, assim, reconhecer essa modalidade de uso da língua, não apenas como produto de uma atividade escolar, mas como possibilidade de dizer para além da sala de aula.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para inadequações recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita;

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (2h/a)

Iniciar a aula com a apresentação da proposta do projeto para a turma.

Fazer uma conversa sobre os livros de relatos de viagens que estão sendo lidos pelos alunos¹.

Entregar o excerto do livro “A Fantástica volta ao mundo”, de Zeca Camargo, para os alunos irem se familiarizando (anexo 1)² com o gênero relato de viagem. Organizar uma leitura coletiva, fazendo orientações, quando necessário, do trecho do livro entregue à turma.

¹ As estagiárias estavam dando continuidade ao trabalho já iniciado com o gênero relato de viagem pela professora regente da turma.

² Como o livro não está em domínio público, no anexo 1 consta o trecho utilizado pelas estagiárias.

Promover uma discussão sobre a estrutura e características do gênero Relato de Viagem: descrição, sequência de ações, ponto de vista etc e entregar a atividade de compreensão leitora sobre o texto (anexo 3).

Orientar os estudantes para, em casa, pesquisar *blogs* que contenham relatos de viagens para trazer na próxima aula e compartilhar com a turma (anexo 2).

Aula 2 (2h/a)

Iniciar apresentando a proposta da aula para a turma.

Pedir que os alunos socializem a pesquisa solicitada na aula passada apresentando os *blogs* que eles encontraram.

Apresentar materiais, *blogs*, *sites* e vídeos, que contenham relatos de viagens³:

- Expor o perfil do *Twitter* de @urbenauta, que apresenta relatos de viagens através de tweets.
- Assistir com a turma um trecho do filme da Família Schürmann “O mundo em duas voltas” .
- Visualizar a entrevista com Amyr Klink.
- Fazer a leitura coletiva do trecho do livro “Paratii: entre dois polos”, de Amyr Klink (anexo 4)⁴.

Incitar a discussão sobre as características do texto de Zeca Camargo comparadas às do texto de Amyr Klink e entregar o exercício sobre o assunto (anexo 5).

Aula 3 (2h/a)

Iniciar com a apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer uma exposição sobre o tema variedade linguística.

³ Esta é a relação dos sites apresentados pelas estagiárias nessa aula:
CEREÇA, George. Toda La América Del Sur. Blog disponível no site: <http://cereca.wordpress.com/> Acesso em 10.04.2012

FENIANOS, Eduardo. Expedições Urbenauta. Site disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/> Acesso em 10.04.2012

_____. *Twitter* de @urbenauta. Disponível no site: <https://twitter.com/#!/urbenauta> Acesso em 10.04.2012

KLINK, Amyr. Paratii: entre dois polos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. _____. Hoje entendo bem meu pai... Site disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/> Acesso em 10.04.2012

SHÜRMAN. Família Shürmann. Site disponível na página: http://www.schurmann.com.br/familiaaventura/familia_ventura.asp . Acesso em 10.04.2012

⁴ Como o livro não está em domínio público, no anexo 4 consta o trecho utilizado pelas estagiárias.

Dividir a turma em duplas e sortear os personagens que nortearão a escritura de um relato de viagem.

Propor a atividade de escritura de um relato de viagem, segundo as características sociais de certo personagem (anexo 6).

Solicitar aos alunos a apresentação oral do relato de viagem escrito.

Orientar a escritura de um relato de viagem a ser feita em casa pelo aluno, para que seja entregue na próxima aula (anexo 7).

Aula 4 (2h/a)

Iniciar apresentando a proposta da aula para a turma.

Pedir que os alunos façam a leitura silenciosa de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha⁵. Em seguida, orientar a leitura coletiva do trecho entregue.

Fazer uma análise das condições de produção da carta e entregar aos alunos o exercício de interpretação da carta sobre aspectos da linguagem e dos sentimentos do viajante que deve ser resolvido em aula (anexo 8);

Recolher a produção textual solicitada na aula passada e que foi escrita em casa: Relato de Viagem de uma situação vivenciada.

Aula 5 (2h/a)

Iniciar com apresentação da proposta da aula para a turma.

Propor aos alunos a escritura de um relato entremeando a produção do relato vivenciado, realizado anteriormente, com a leitura do livro de relato de viagem (orientado para leitura previamente⁶) (anexo 9).

Durante a produção, auxiliar nas possíveis dúvidas dos alunos.

Recolher a produção escrita na mesma aula.

Aula 6 (2h/a)

Apresentar a proposta da aula para a turma.

Fazer a análise linguística coletiva de um trecho do texto de um dos alunos, algum que possibilite reflexões sobre as especificidades do gênero do discurso estudado e da

⁵ O trecho selecionado pelas estagiárias vai do início da carta ao final do terceiro parágrafo da página 5 e pode ser acessado em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=17424. Acesso em 23.06.2021.

⁶ Aquele já mencionado, cuja leitura foi solicitada pela professora regente da turma antes que o estágio de docência iniciasse.

variedade linguística própria daquele gênero, apresentando o trecho sem autoria por meio de *slides* ou escrevendo no quadro.

Devolver corrigido o texto escrito na aula anterior.

Propor a reescritura individual do texto corrigido e devolvido (anexo 10).

Auxiliar nas possíveis dúvidas dos alunos.

Recolher a segunda versão da produção escrita na mesma aula.

Entrega do roteiro para a viagem de estudos da próxima aula.⁷

Aula 7 (2h/a)

Viagem de escuna pelas Ilhas de Ratonés Grande e de Anhatomirim.

Na volta, devolver corrigido o texto reescrito na aula anterior.

Orientar os alunos a digitarem seus textos em casa e trazer na próxima aula (anexo 11).

Caso a viagem de estudos não possa acontecer:

Iniciar apresentando a proposta de aula para a turma.

Devolver corrigido o texto reescrito na aula anterior.

Orientar os alunos a digitarem seus textos para a publicação no *blog* preparado para a turma.

Aula 8 (2h/a)

Iniciar com apresentação da proposta da aula para a turma.

Fazer a inserção dos relatos de viagem dos alunos e de fotos representativas dos relatos e da viagem de estudos no *blog*⁸.

Auxiliar nas dúvidas dos alunos durante o processo de inserção dos relatos e das fotos.

Pedir que os alunos façam a socialização de seus textos aos colegas.

Fazer o fechamento do projeto.

⁷ Nas condições em que o projeto foi implementado originalmente houve a possibilidade de realização de uma viagem de estudos de escuna às Ilhas de Ratonés Grande e de Anhatomirim. Outras possibilidades podem ser pensadas de acordo com a realidade escola e do entorno em que o projeto vai se desenvolver.

⁸ No anexo 12 é possível ver uma imagem do *blog* criado para a turma.

Como começou e, depois, funcionou o [PROJETO]

Essa idéia nasceu em outubro de 2003 e não mudou muito desde seu esboço inicial: fazer reportagens dando uma volta ao mundo, com os destinos escolhidos pelo público. Com o projeto aprovado, passamos à etapa seguinte: definir as opções de escala desse roteiro, uma lista com quase quarenta países, que serviu de base para a compra dos bilhetes aéreos, já em dezembro de 2003.

Com a virada do ano, começamos a contatar embaxadas e consulados no Brasil e no exterior. Ao mesmo tempo, iniciamos um trabalho de pesquisa, levantando informações e imagens de todos os possíveis destinos, que seriam usadas nas vinhetas que ajudaríamos o público a escolher o destino seguinte.

Reuniões semanais atualizavam as pessoas envolvidas quanto a definições de equipamento, situação dos vistos, mudanças nos roteiros e desenho do orçamento. Até que no final de abril começamos a desenvolver as reportagens que serviriam para "esquentar" o lançamento do projeto — que foi divulgado para a imprensa apenas duas semanas antes da largada.

Assim, em 16 de maio de 2004, ao vivo no *Fantástico*, no aeroporto Tom Jobim, no Rio, oferecíamos as duas primeiras opções para o público. Estava começando a primeira de dezoto semanas de aventura, que devia obedecer a algumas regras. Não podíamos ter nada pré-produzido,

Referência:

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo:



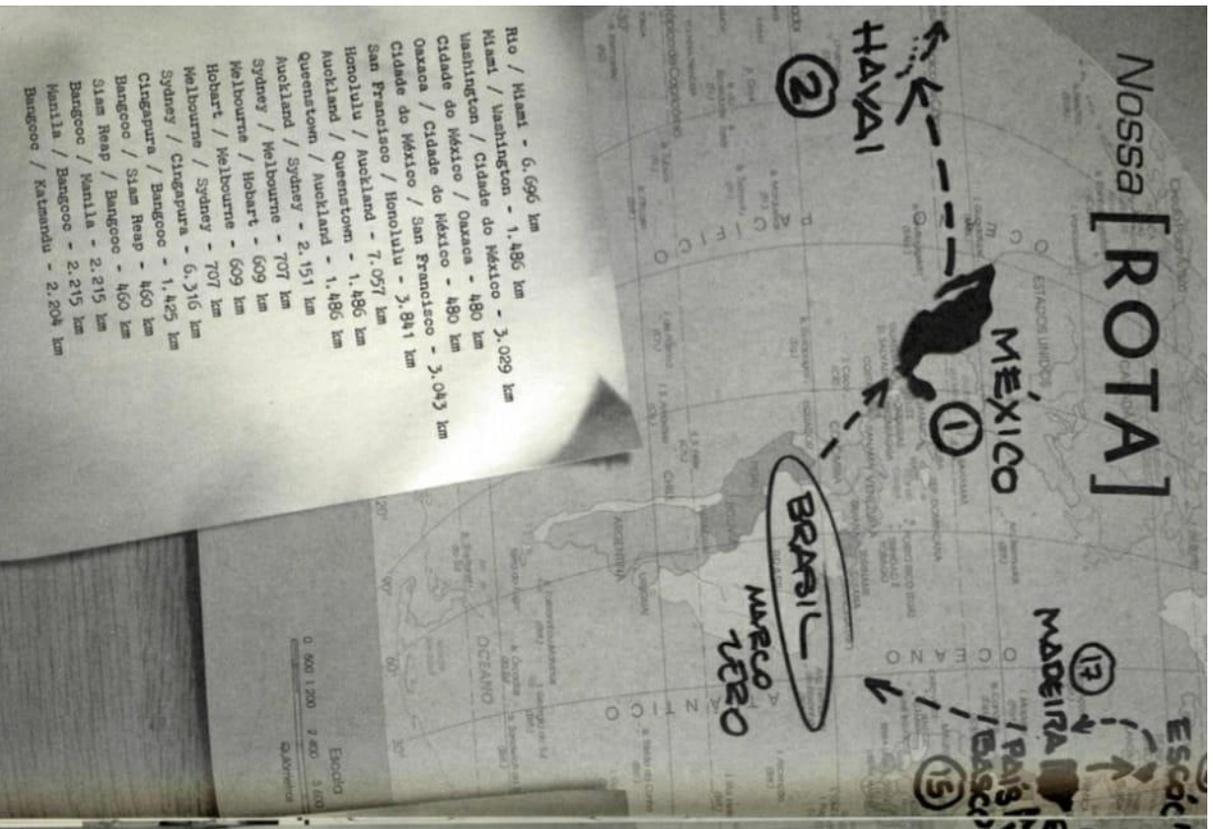
com exceção dos contatos para os vistos de entrada. Mesmo os hotéis deveriam ser arrumados na chegada ou com um mínimo de antecedência, assim que soubéssemos qual seria o próximo destino. A equipe era constituída somente pelo repórter e o repórter cinematográfico. Todas as imagens deveriam ser transmitidas pela internet, usando uma conexão de banda larga. O material seria enviado como um "copião" (um rascunho da reportagem final) dividido em pequenos arquivos de imagem.

Na sexta-feira, falávamos com o *Fantástico* no Rio para, junto com o editor de texto, ajustar as reportagens (que, com exceção da primeira semana, no México, eram sempre distribuídas pelo programa em segmentos diferentes). Com esse roteiro fechado, o material era finalizado com a ajuda de um editor de imagem.

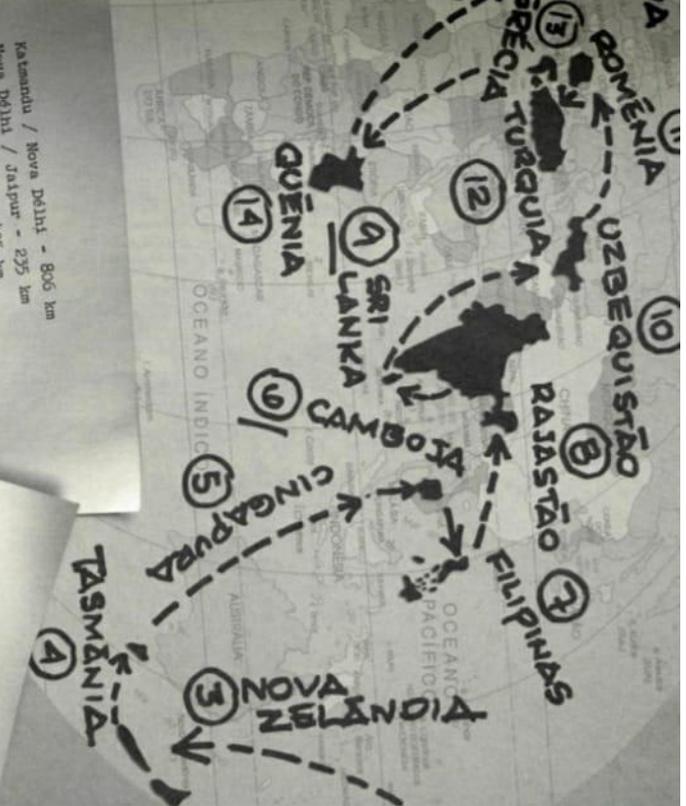
Essas foram opções oferecidas ao público: México x Guatemala ■ Califórnia x Haval (ambos nos EUA) ■ Ilha do Norte x Ilha do Sul (Nova Zelândia) ■ Deserto australiano x Tasmânia ■ Cingapura x Bali (Indonésia) ■ Laos x Camboja ■ Nepal x Filipinas ■ Rajastão x Himalaia (ambos na Índia) ■ Cochim (Índia) x Sri Lanka ■ Uzbequistão x Cazaquistão ■ Ucrânia x Romênia ■ Turquia x Bulgária ■ Atenas x Meteora (ambas na Grécia) ■ Albânia x Cefalonia (Grécia) ■ Reserva massari x Mombaca (ambos no Quênia) ■ País Basco (Espanha) x Bretanha (França) ■ Islândia x Escócia ■ Ilha da Madeira x Açores (ambos em Portugal).

A cada semana, já com o próximo destino definido, reservávamos a segunda-feira para organizar a etapa seguinte. Idealmente, viajávamos na terça e gravávamos as primeiras imagens na quarta. A transmissão, via cybercafés (ou pela rara conexão de um quarto de hotel), era iniciada na quinta-feira. E assim foi até o dia 19 de setembro, quando chegamos do nosso último destino, depois de 126 dias e 103.792 quilômetros percorridos em 54 vôos. A distância corresponde a quase duas circunferências e meia em torno da Terra. Mas uma volta ao mundo, como a que fizemos, já estava bom — para começar!

Nossa [ROTA]



- Rio / Miami - 6.096 km
- Miami / Washington - 1.486 km
- Washington / Cidade do México - 3.029 km
- Cidade do México / Oaxaca - 480 km
- Oaxaca / Cidade do México / San Francisco - 3.043 km
- Cidade do México / Honolulu - 3.841 km
- San Francisco / Auckland - 7.057 km
- Honolulu / Auckland - 1.486 km
- Auckland / Queensland - 1.486 km
- Queensland / Sydney - 2.151 km
- Auckland / Sydney - 707 km
- Sydney / Melbourne - 609 km
- Melbourne / Hobart - 609 km
- Hobart / Melbourne - 707 km
- Melbourne / Sydney - 6.316 km
- Sydney / Cingapura - 1.425 km
- Cingapura / Bangcoc - 460 km
- Bangcoc / Siam Reap - 460 km
- Siam Reap / Bangcoc - 2.215 km
- Bangcoc / Vanilla - 2.215 km
- Vanilla / Bangcoc - 2.204 km
- Bangcoc / Katmandu - 2.204 km



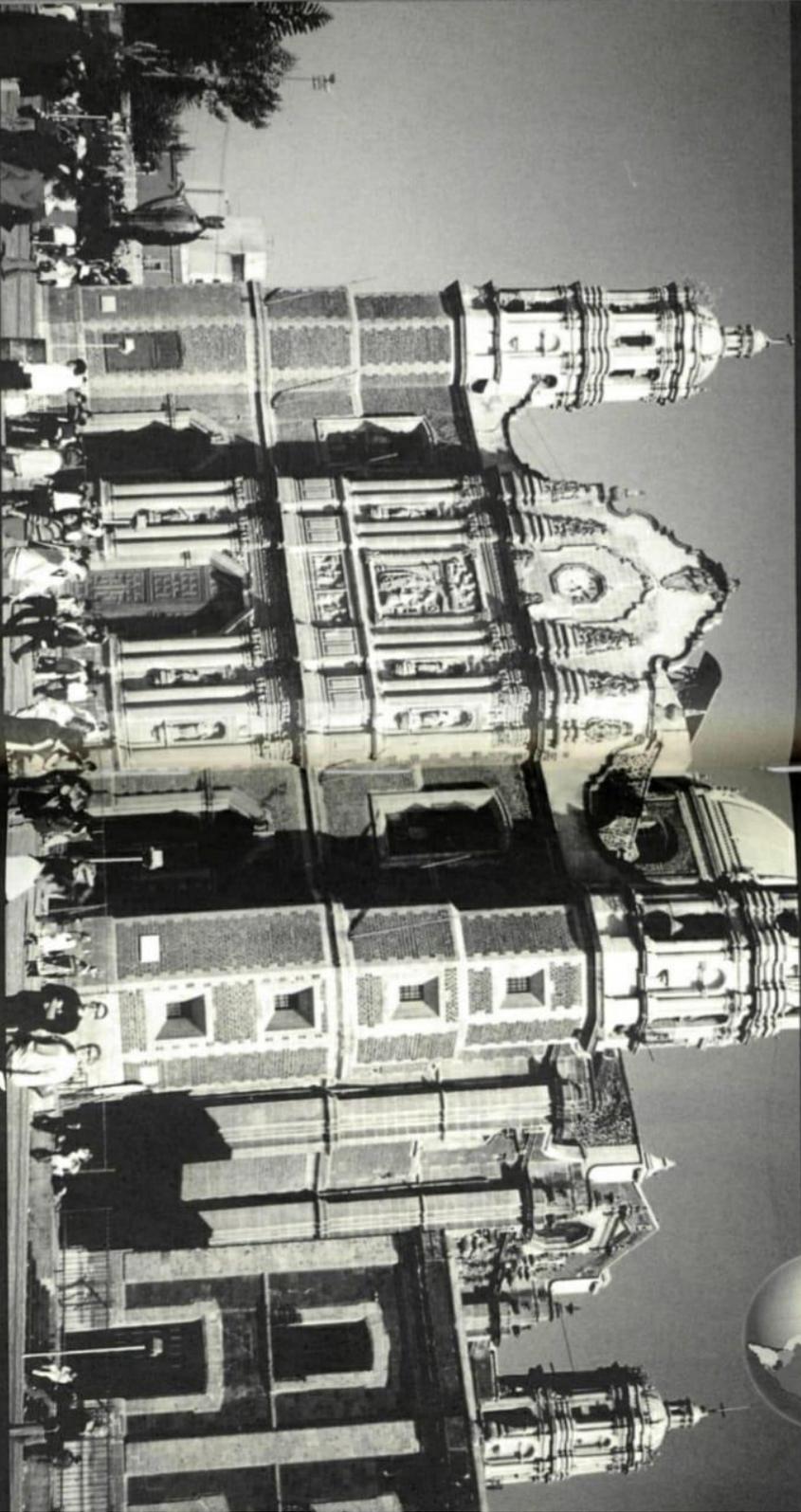
- Katmandu / Nova Delhi - 806 km
- Nova Delhi / Jaipur - 235 km
- Jaipur / Udaipur - 405 km
- Udaipur / Nova Delhi - 663 km
- Nova Delhi / Kandy - 116 km
- Colombo / Kandy - 116 km
- Kandy / Colombo - 2.444 km
- Colombo / Nova Delhi - 1.556 km
- Nova Delhi / Samarkand - 600 km
- Tashkent / Samarkand - 600 km
- Samarkand / Tashkent - 670 km
- Tashkent / Almaty - 5.104 km
- Almaty / Frankfurt - 1.557 km
- Frankfurt / Kiev - 753 km
- Kiev / Bucareste - 166 km
- Bucareste / Brasov - 166 km
- Brasov / Bucareste - 866 km
- Viena / Istambul - 1.279 km
- Istambul / Atenas - 349 km
- Atenas / Meteora - 349 km
- Meteora / Atenas - 286 km
- Atenas / Cefalonia - 286 km

- Cefalonia / Atenas - 286 km
- Londres / Londres - 2.391 km
- Mairóbi / Mairóbi - 6.804 km
- Mombasa / Mombasa - 487 km
- Londres / Londres - 6.804 km
- Bilbao / Bilbao - 936 km
- Londres / Edimburgo - 936 km
- Edimburgo / Edimburgo - 535 km
- Inverness / Inverness - 62 km
- Edimburgo / Edimburgo - 62 km
- Paris / Paris - 343 km
- Lisboa / Lisboa - 1585 km
- Runchal / Runchal - 969 km
- Lisboa / Lisboa - 969 km
- São Paulo / São Paulo - 7.927 km
- Rio / Rio - 420 km

TOTAL: 103.792 km

[PRIMEIRA ESCALA]

Capital: Cidade do México
Área: 1.972.550 km²
População: 104.907.991 habitantes
Renda per capita: US\$ 9.000



Basilica de Guadalupe, uma das igrejas mais bonitas da nossa primeira escala da volta ao mundo

MÉXICO

¡olé!

Das touradas para as [RUAS] e esquinas mexicanas

"Vocês não queriam que a gente viesse pro México? Agora agüental!" Este foi o registro da nossa primeira parada na "Fantástica Volta ao Mundo". Mas o que exatamente eu estava desafiando as pessoas a "agüentar"? Um bando de *mariachi*? Quem são os *mariachis*? Aquelles cantores típicos mexicanos, de sombreiro, botas, a roupa típica que lembra bem a de um gaúcho. Ah, e um repertório bastante... elástico!

Para as gravações, pedimos que o *mariachi* cantasse "Cucurucucu Paloma", apresentada ao grande público brasileiro por Caetano Veloso. Talvez para caprichar para as câmeras, o

OUTRAS PARADAS

|| É na Plaza Garibaldi, Cidade do México, que os *mariachis* se apresentam - e não só para turistas. Os próprios mexicanos que querem contratar os músicos para festas (especialmente casamentos) vão até lá fechar o negócio "a céu aberto".



cantor e seus músicos entoaram então uma espécie de *remix* longuíssimo da canção, o que nos deixou até bastante satisfeitos.

No entanto, a banda, que tocava ao ar livre, ali na Plaza Garibaldi (conhecido reduto de *mariachis* e, por isso mesmo, ponto turístico obrigatório da capital mexicana), achou que poderia oferecer um pouco mais. Uma questão menos de dedicação à música do que financeira: a R\$ 60 a canção, quanto mais ele cantasse... E não faltavam ofertas: de "Guantanamera" a "La Juanita". Mas quando o *playlist* começou a incluir "O sole mio" e até "Garota de Ipanema", bem, achei que já tínhamos o suficiente para a matéria.

Esse showzinho ajudou a fazer a digestão - de uma refeição bem diferente. Foi nossa primeira aventura gastronômica na viagem. E, como introdução, eu diria que começamos bem: com uma *pancacia de buey!* O que é isso? Digamos que é das poucas coisas que já comi cujo visual na panela reflete a experiência no paladar - no caso, uma temeridade. Decorevendo rapidamente, um estômago de boi cozido numa água sangrenta (já está salivando?).

Felizmente, o mercado popular que visitamos na Cidade do México oferecia outras iguarias: uma *paella* mexicana, por exemplo; ou uma trouxinha de carne de carneiro (tudo bem que estava emburrada num saquinho de plástico, mas estava uma delícia). No final, acabei misturando tantos pratos que o resultado digestivo só poderia ter sido turbulento. ¡E viva a "Virganga de Montezuma"! (Não me lembro bem onde vi essa brincadeira -

|| O Brasil até que tentou ressuscitar o fusca, mas ele não sobreviveu. O último fabricado no mundo saiu de uma montadora mexicana, em

2003. O que não impediu que a gente alugassem um deles para nossa aventura em Oaxaca. E vermelho!



talvez em algum guia engraçadinho de viagens -, mas dizem que todo turista no México conhece a "Vingança de Montezuma" depois de provar a cozinha local. Bem, amigos, eu a conheci.)

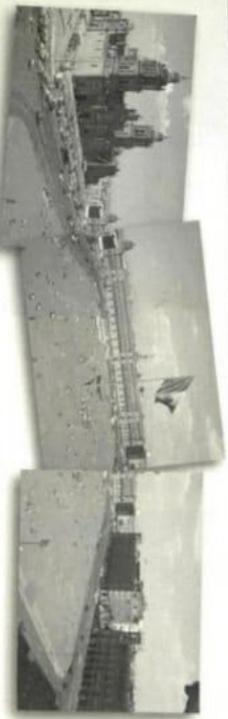
Com esse "lanchinho", nos despedimos da capital e à noite voamos para Oaxaca. A promessa de passar quatro noites (pelo

menos) num só lugar já me animava... (Vale recapitular a pequena epopéia: para chegar à Cidade do México o mais rápido possível, foram três voos; fomos a Miami e Washington, nos EUA, e só ontem, já pelas 11 da noite, chegamos aqui; considerando que saímos do Rio às 22 do domingo, 16 de maio, e que a diferença de fuso horário aqui é duas horas menos, viajamos mais de 24 horas! Você reparou que eu usei a expressão "o mais rápido possível"?)

Em Oaxaca, as coisas começaram a ficar mais tranquilas. Começamos a enviar as primeiras imagens por computador (e comecei a me divertir também com um teclado que já insere as exclamações e interrogações invertidas automaticamente ¡Ole!). Aliás, não posso esconder minha surpresa ao encontrar um cybercafé com *banda ancha* (banda larga), numa cidade tão modesta quanto Oaxaca. Logo achei que isso era um bom sinal



Mapa da parte antiga de Oaxaca



A vista inesquecível da praça central da Cidade do México, o Zócalo

“Vocês não queriam que a gente viesse pro México? Agora agüenta!” Esse foi o primeiro registro da nossa primeira parada da Fantástica Volta ao Mundo. Mas o que exatamente eu estava desafiando as pessoas a “agüentar”? Um bando “mariachis”!

de que essa função seria fácil em todo lugar em que a gente parasse (o que mais tarde, claro, provou não ser verdade). O lugar era meio improvisado (como, aliás, a maioria dos cybercafés): um segundo andar de uma construção de pedra antiga, ao lado do Zócalo, a praça central da cidade antiga. Mas quem disse que a gente podia se dar ao luxo de escolher? Encontramos um lugar e a conexão é de mais de 70 Kbps, está ótimo! Só preciso esclarecer que não sou nenhum técnico de internet, apenas decorei uns três procedimentos para mandar nosso material; assim, o que eu repetir aqui em termos de velocidades, conexões e afins, bem, é pura "decoreba"!

Mas vamos à própria cidade, que é bem bonita e, pelo menos no centro histórico, tão pacata quanto uma cidade do interior do Brasil. Tem ruas de pedestres, ideais para apreciar a arquitetura, que é bem hispânica. É preciso explicar que esses quarteirões são guardados do resto da cidade, que se espalha, moderna e feia, por alguns quilômetros. Mas nesse oásis colonial, com igrejas em vários quarteirões, a gente encontrou um pouco de paz. Aliás, quem viaja muito sabe que igrejas podem ser uma armadilha: lindos monumentos que vale a pena visitar ou (na maioria das vezes) apenas uma fachada interessante e um interior sem graça.

A Igreja de Santo Domingo de Guzmán, felizmente, faz parte das exceções: toda dourada por dentro, com esculturas, pinturas e relevos riquíssimos. A mais curiosa de todas é uma árvore genealógica que fica logo na entrada da igreja, representando a

OUTRAS PARADAS

Guilherme e Zeca experimentam a primeira refeição típica de Oaxaca



família de Dom Félix de Guzmán, o pai do fundador da ordem dos dominicanos.

Nas ruas, dezenas de loja de souvenirs não te deixam esquecer que, para um toque tipicamente mexicano na sua casa, você tem de levar uma pequena escultura de madeira na forma de um esqueleto (o Dia dos Mortos é uma das maiores festas mexicanas, comemorada, diga-se, com muita alegria e nenhum choro). Ou talvez um coração de lata pintado com cores fortes. Ou, se você estiver mesmo a fim de garimpar, uma daquelas pinturas bem simples que servem de ex-voto, agradecendo alguma graça (quase que invariavelmente à Virgem de Guadalupe!).

♣ Quer uma boa razão para pegar a estrada num fusca?

Encantados com a cidadezinha, foi com certa relutância que partimos para explorar as redondezas. Para tanto, contamos com um meio de transporte típico (se você lembrar que o último veículo desse modelo foi fabricado no México): um fusca! Lindão! Muniados apenas de um mapa bastante duvidoso (Guilherme dirigia e eu ia de co-piloto; por isso, sei bem que posso chamar o mapa de impreciso...), partimos para Mitla, que fica a leste de Oaxaca.

O que queremos lá? Ver finalmente ruínas da civilização zapoteca, que existia aqui antes de os espanhóis chegarem. Eles estavam em constante guerra com os astecas (atenção, não confundam!) pelo território mexicano, mas aqui, nesta região, eles

AS 4 PIQRES EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS

- ! ESTÔMAGO DE BOI, no México
- ! "BALOT", o ovo de pato fecundado filipino
- ! "PAN", a folha enrolada com especiarias, na Índia
- ! JANTAR DE CONGELADOS no quarto do hotel em Honolulu, Havaí

dominavam. E nem precisamos chegar a Mitla para ter a prova disso: no meio da estrada, fizemos uma parada em uma escavação chamada Yagul - um verdadeiro labirinto de galerias e corredores, que só pode ser visualizado na sua totalidade do alto de uma colina que fica ao lado desse sítio arqueológico.

♣ Primeiras lições de zapoteca

Assim, quando chegamos a Mitla (é tudo bem perto, 20 quilômetros ou menos de um lugar a outro), as ruínas já nem eram mais novidade. Estão mais preservadas, é verdade, mas a essa altura eu já tinha me encantado com os carneiros instalados em volta das escavações. Foi num deles que experimentei manga com *chili*. Sim, *chili*, tradução: pimenta. E não pense que achei ruim, não. Tanto que até repeti a dose, com abacaxi (que não estava tão gostoso...). A senhora, ou melhor, "la señora Rocel", que nos serviu, mandava bem no antigo dialeto zapoteca - que, segundo ela, não se escreve, não se ensina nas escolas. Entusiasmada, ela até me contou o nome de algumas frutas em zapoteca. Mas, por favor, não me peçam para reproduzir aqui nenhuma delas.

De volta a Oaxaca, um festival de milho... na mesa! Pode chamar de "quesadilla", "tortilla", "tamale" - é tudo milho! Essa é a base da cozinha mexicana menos "aventureira" do que aquela que eu havia experimentado antes. Acredite, é uma delícia, só que é tudo feito com milho. Sorte de quem gosta (como eu). Aliás, a essa altura, eu não podia reclamar: já tinha me apaixonado por

Oaxaca - e ainda nem tínhamos ido a Monte Albán. Deixamos isso para o último dia na cidade. E foi especial.

Monte Albán é mais um complexo de ruínas da civilização zapoteca. Mas, calma! Ao contrário de tudo o que já tínhamos visto, essas são pra lá de imponentes. Num planalto vastíssimo, bases sólidas do que parecem ser pirâmides enfeitam uma paisagem que se vê a quilômetros. Como chegamos bem cedo, éramos praticamente os únicos visitantes desse lugar tão especial. E a sensação era de sermos donos do lugar. Percorrer os muros baixos que dividem as construções, andar pelos campos que separam as pirâmides ou simplesmente pegar o vento do alto de uma delas - que presente!

Tenho muito pouco contato com o lado espiritual, místico, esotérico das coisas - tão pouco contato que nem sei escolher a melhor palavra para definir essa minha fraqueza. Monte Albán, no entanto, seria a primeira de uma série de experiências que eu iria viver nessa viagem que me obrigariam a repensar essa minha posição. Que deuses eram cultuados por lá? Que tipo de energia essas ruínas evocam? Não saberia dizer. Ficou apenas o registro de um lugar "forte".

E foi com esse registro que voltei para a Cidade do México. Bem, vindos de Oaxaca, parecia que tínhamos chegado a Nova York (já começava a demonstrar minha sincera dependência de uma cidade grande). Ficamos num hotel bem antigo, do final

OUTRAS PARADAS

|| Talvez a artista plástica mais conhecida do México, Frida Kahlo (que foi casada com outro pintor famoso, Diego Rivera) criou uma linguagem visual ao mesmo tempo ultrapessoal e imediatamente ligada à cultura e ao imaginário de seu país.



O prazer de passear só pelos espaços imensos das ruínas de Monte Albán, em Oaxaca





do século 19, na praça central, de onde se via uma enorme bandeira do México. Só que, infelizmente, tive o primeiro lembrete de que esta viagem não era de férias. Tínhamos de experimentar, pela primeira vez pra valer, a operação de enviar as imagens e textos para o Brasil, para que a matéria pudesse ir ao ar. Ah, se fosse tão simples quanto escrever esta última frase!

Quer detalhes técnicos? Basicamente, temos de seleccionar as melhores imagens da câmara. Dai, Guilherme joga tudo no computador (um *laptop*), em arquivos bem pequenos, de cerca de 15 ou 20 segundos cada. Próximos passos: comprimir essas imagens, conectar numa banda larga e mandar para a emissora no Brasil. Simples, não é? Não tem ironia nisso, não, é simples mesmo. Só não é muito rápido. Ao longo da semana, foram horas e horas para mandar apenas algumas imagens. E dê-lhe "chá de cadeira" nos cybercafés de Oaxaca.

Na capital, percorremos algumas das melhores casas do ramo. Apostei várias fichas no bairro de Condesa (Condesa, com um "s" só no nome

Depois de experimentar estômago de boi relogado, a paella mexicana seria um prêmio para o paladar...



Guilherme na praça da Igreja de Santo Domingo, na parte antiga de Oaxaca, ponto de encontro no final das tardes

se eu voltasse a
[OAXACA]

POR UM DIA...



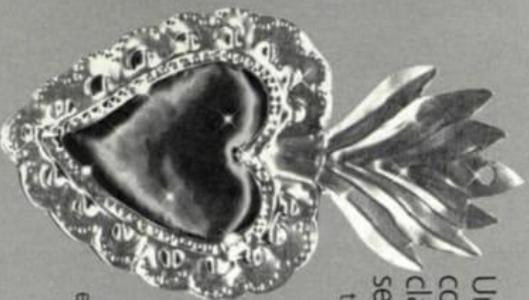
...iria logo cedo, às 9h da manhã, visitar as ruínas de Monte Albán (quinze minutos da cidade), na esperança de não encontrar nenhum turista por lá. No máximo em duas horas, já percorri toda a área, e estou com fome suficiente para encantar um almoço de *tortillas* e *tamales* em algum restaurante do centro antigo de Oaxaca. A digestão pode ser feita enquanto visito a Igreja de Santo Domingo de Guzmán. Passo o resto da tarde garimpando um souvenir entre as incontáveis lojinhas nas ruas Reforma, 5 de Mayo e Alcalá (a melhor delas). E lá pelas 18 horas dou um passeio pelo Zócalo, a praça principal. Os bares com mesas que invadem as calçadas de pedestres são um convite irresistível para ver a cidade anoitecendo.



A enorme bandeira mexicana é hasteada todas as manhãs no Zócalo, a praça principal no centro histórico da capital

uma Viagem sem comprar um [SOUVENIR]

não tem graça



Um coração de metal, pintado em cores bem fortes (o vermelho, claro, é obrigatório). O que parece ser apenas um símbolo romântico é também um poderoso ícone religioso.

Qualquer santo com razoável devoção (o que não falta no México) tem um coração desses, geralmente adornado com cororas, bordas rendadas, raios brilhantes e, em alguns casos, até flores. As referências visuais vão de ex-votos até Frida Khalo! São pequenos (cabem num envelope) e baratos (de R\$ 5 a R\$ 10).

original), que é uma espécie de vizinhança alternativa - uma Vila Madalena, para dar uma referência bem "paulistana". Nas outras vezes que visitei a Cidade do México, fiz questão de passear por lá e comer num dos inúmeros restaurantes com mesas na varanda (pense em casas modernas, um clima meio anos 60, com prédios baixos, nada de muito tradicional).

Porém, chegamos à conclusão de que a melhor opção de internet seria usar o business center do próprio hotel. E encerrar também uma boa dose de paciência. Para "suavizar" a espera, retornei entusiasmado ao primeiro livro que comecei a ler na viagem - e que é genial. Chama-se *Random Family* e conta a história de duas famílias latinas no bairro do Bronx, Nova York, ao longo dos anos 80 e 90. Isto é, se é que pode se chamar aquilo de família.

Drogas, crimes, sexo, prisão, muito dinheiro, pouco dinheiro, famílias desestruturadas, filhos, filhos, filhos. É um registro tão impressionante de como as coisas podem dar errado que fico tentado a imaginar maneiras de fazer uma pesquisa parecida no Brasil. Isso, claro, é para o futuro.

Para me despedir do México, mergulhei no livro (não posso deixar de mencionar a autora, Adrian Nicole LeBlanc), já que tive que passar o dia paljeando o computador - com o consolo de, de vez em quando, poder escapar para a praça e ver aquela enorme bandeira tremulando.



Estúdio improvisado na cobertura do hotel na Cidade do México

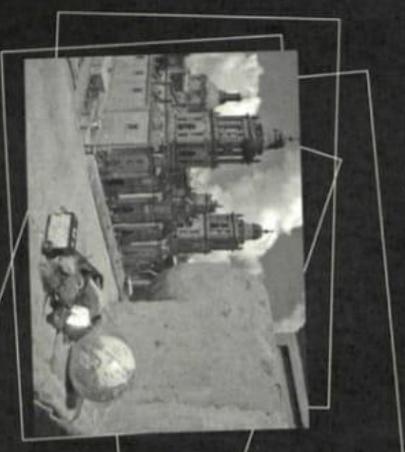
Biblioteca Universitária
UFSC



Do México para o Havaí

Às 4 da manhã, a Cidade do México finalmente parece tranquila. Acordamos cedo assim para sair rumo ao Havaí e cruzamos as ruas amarelas do centro sem tráfego e sem gente até o aeroporto. Deixava para trás uma primeira semana intensa, de adaptações, pensando no próximo destino menos como Havaí e mais como Estados Unidos - e os americanos eu já conhecia, certo? Quase...

Antes de sair do Brasil, pedi aos meus melhores amigos que me dessem amuletos que não poderiam ser maiores nem mais pesados que um polegar; esse conjunto de lembranças foi fotografado em todos os cantos por onde andei, como aqui, na frente da igreja do Zócalo, Cidade do México



Anexo 2 - Orientação para a pesquisa

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

Anexo 3 - Atividade de compreensão leitora sobre *A fantástica volta ao mundo*

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o texto, lido em sala, do livro “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo. Utilize suas próprias palavras.
1. O que você diz sobre a estrutura do livro de Zeca Camargo, apresentado pela professora? Os textos dentro dele são dispostos como em um livro normal? O que aparece de diferente no livro?
 2. O que é relatado no texto lido?
 3. Para que o autor estava viajando?
 4. Por que você acha que o autor usou a expressão “agora aguenta” ao se referir à primeira escala que fez?
 5. O que o autor comeu na viagem? Por que você acha que ele descreveu isso?
 6. Como ele se locomoveu para chegar a Mitla?
 7. Você percebeu que a descrição é presente no texto? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 8. Observe as formas verbais que são utilizadas no texto. Em que pessoa os verbos são empregados?
 9. Há personagens no texto lido?
 10. As ações e os fatos apresentados no texto localizam-se em qual momento do tempo: no presente, no passado ou no futuro? Justifique a sua resposta com base em exemplos tirados do texto.

Referência Bibliográfica:

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.

Anexo 4 - Trecho de *Paratii: entre dois polos* de Amyr Klink



JUNTANDO
AS PEDRAS

leira sempre estava sobre a chapa e um café para visitantes tornou-se um problema de segundos apenas.

No último dia de junho o *Paratii* despediu-se dos barcos e amigos que fez, e da sua vaga num porto onde seria fácil criar musgo nas amarras. Às 9:30, guardei a bicicleta, preparei as velas e o motor logo nos levou para mar aberto. Os gigantescos penhascos, alguns com mil metros de altura, foram pouco a pouco se afastando.

Abri a carta inglesa 4010, que usaria até alcançar Spitsbergen, o diário, e comecei a rabiscar, distraído, cálculos de distância.

De repente, um barulho estranho de motor! Pus a cabeça para fora, surpreso. Já estava longe das ilhas. Pensei que fosse um assalto viking: dois sujeitos num minúsculo bote de borracha, em velocidade, completamente bêbados, diminuíram ao meu lado. Um deles, tentando ficar em pé e segurando uma garrafa, gritou:

“Ei, ôô, brasileiro, quer uma cerveja?”

“Obrigado, obrigado”, respondi sem pensar direito.

“Não sei o que você procura lá em cima, mas faça uma linda viagem! Aiêêê...!”

E voltaram em ziguezague rumo às ilhas.

Devia ter aceito a cerveja. Gente muito bacana esses faeroenses...

Dezesseis mil milhas e o Atlântico de ponta a ponta, desde o último pedaço de gelo! O *Paratii* estava totalmente cercado de gelos pequenos numa água tão espelhada que, pela superfície plana entre os blocos, percebi um segundo barco, invertido, igual ao meu. Um verdadeiro espelho, com rendas de gelo, que refletia as montanhas em volta do Kongsford, e a linda península, Blomstrandhalvoja. Uma semana antes, eu chegara a Spitsbergen, a maior ilha do grupo Svalbard, após uma travessia tranqüila e sem incidentes. O ponto de entrada foi Longyearbyen, no Isfjorden, um lugar não muito interessante, mas onde consegui as informações e a carta de navegação norueguesa 521, a única que me faltava para chegar a Mofen Island.

Os pedaços de gelo que brilhavam em volta eram restos de um fenômeno curioso que acabava de acontecer. A enorme geleira que partia da Terra Haakon desabou em pedaços, abrindo um canal, e a península onde eu estava ancorado se transformou numa ilha. Que espetáculo! Não sei por que, achei que poderia passar com o *Paratii* pelo canal e sair pelo outro lado, inaugurando a navegação num pedaço de mar que não existia antes e não constava em carta alguma.

Idéias tortas que surgem quando se anda hipnotizado pela beleza de um lugar...

Pela primeira vez o *Paratii* encalhou de mau jeito. Em num lugar terrível. Paredões de gelo dos dois lados desprendendo fatias maiores que uma casa, pedras pontiagudas em volta e uma lama grossa que subiu com o arrasto da quilha no fundo. A maré estava alta, grande erro meu, e precisava, o mais rápido possível, "abrir" um caminho para sair da armadilha, forçando passagem com ajuda do motor, batendo em pedras invisíveis. Os golpes eram tão fortes que até a famosa sacola azul voou, esparramando pelo chão da oficina as pedrinhas dos gentsos que carreguei por tanto tempo.

Minutos intermináveis até descobrir a saída do labirinto de pontos submersos e trazer o *Paratii* de volta para águas fundas. A salvo, guardei as minhas pedrinhas na sacola azul e o *Paratii* deixou as dele em paz.

No outro lado da baía fui visitar Ny Alesund, uma minúscula vila mineira, onde está uma estação do Norskpolarinstitutt. Um pouco além das casinhas, há um monumento e um campo onde me sentei. Em maio de 1926, daí partiu Amundsen, com Lincoln Ellsworth e Umberto Nobile, para a sua histórica travessia da calota polar ártica num dirigível, o *Norge*, que pousou dois dias depois em Teller, no Alasca, após sobrevoar o pólo norte. Logo antes da decolagem do *Norge*, apareceram, neste mesmo campo, o comandante Richard E. Byrd e Floyd Bennett, com um aeroplano e o propósito de fazer o primeiro voo — ida e retorno — sobre o pólo. Em vez da discussão sobre uma primazia histórica — o cavalheirismo. Amundsen insistiu para que Byrd decolasse primeiro e aguardou o seu retorno, com o pólo alcançado, para partir no *Norge*. O sucesso da primeira travessia do Ártico resultou num trágico incidente.

Amundsen e Nobile desentenderam-se após o voo. Dois anos mais tarde, em 1928, Nobile partiu em outro dirigível, o *Italia*, para refazer a travessia, sem Amundsen. O *Italia* acidentou-se e temporariamente desapareceu. Enquanto organizavam-se expedições de busca, Amundsen, numa atitude de reconciliação, ou talvez de desafio, partiu em seu socorro num avião francês Latham 47. Nobile acabou salvo por outra expedição, mas o Latham 47 nunca mais foi visto.

Durante essa primeira semana em Spitsbergen, encontrei três barcos grandes que tentavam passar ao norte da ilha mas desistiram depois de encontrar muito gelo. "Brasleiro, você não passará", diziam, "este ano não passará." "Bom", eu pensava, "veremos." Se não fosse possível alcançar a pequena Moffen, não morreria de tristeza. Acontece que nem todos os gelos são "impassáveis", e o único meio de saber era tentar. O verdadeiro naufrágio da longa viagem que fiz para chegar até ali seria não tentar.

Encontrei nesta semana outro barco que acabava de chegar à Noruega. *Sami*, um lindo veleiro francês, também em alumínio, mas fino, com três homens e uma mulher a bordo, todos da Bretanha. Decidimos tentar passar para o norte em dois barcos.

Ná manhã do dia 20 de julho, o *Paratii* entrou afinal no pack, a formidável extensão de gelo flutuante, sem fim, da Groenlândia ao estreito de Bering, da Sibéria ao Alasca, num só mar congelado. Uma estranha impressão de liberdade condicional. Canais se abrindo e fechando entre imensas placas de gelo que podem prender um barco por algumas horas — ou até o verão seguinte. Sempre um novo canal à frente, fui seguindo para o norte enquanto era possível, às vezes fazendo um pequeno estrago nas pontas de gelo que não podia evitar, ou, quando errava uma entrada, ba-

tendo com o proa, subindo um pouco e voltando para trás. Com um casco muito mais vulnerável, o *Sam* vinha seguindo atrás, a certa distância. Navegação nervosa. Emocionante. Surpreendente.

Um exercício permanente de tomada de decisões. "Para que lado ir?" Dúzias e dúzias de becos sem saída, de onde era preciso retornar, ou canais estreitos demais onde deveria aguardar. Moflen estava a leste, mas só havia passagem para o norte. A visibilidade caiu para poucos metros e, então, não foi mais possível escolher canais largos ou livres. Fui deixando manchas vermelhas nos gelos em que tocava.

Às 20:39 GMT, o GPS marcou a passagem da latitude 80° Norte, na longitude 11°28'47" Leste. A meia-noite parei o *Parathi*. Não havia mais passagem. Não podia ver o *Sam* na neblina, mas pelo radar sabia que eles estavam a menos de uma milha.

Subi no mastro pela vigésima vez. Não se via nenhuma passagem. Estava há mais de vinte horas sem pregar os olhos, sem desgrudar um segundo do rumo. Puxa vida! Parar agora... tão perto do fim... Lembrei-me do Rolph e da Deborah, do *Northern Light*, que encontrei no segundo verão antes de deixar a Antártica: eles já haviam estado aqui e, a poucas milhas de Moflen, foram forçados a desistir e voltar com uma grande frustração.

Corri para dentro a fim de buscar na cozinha uns doces, frutas secas, qualquer coisa para comer em cima. Num lugar como esse é possível ficar por algumas horas ou meses, nunca se sabe. Voltei otimista com um pacote de "ração de emergência para um dia" na mão, mastigando uma barra de chocolate. Havia uma bola no céu. "Não é possível!" O sol aos poucos foi se definindo, a neblina tornou-se transparente e pouco a pouco subiu. E subi eu no mastro

mais uma vez, com binóculos. Avistei um canal razoavelmente largo ao norte. Voltar rápido e achar uma saída para o norte. A distância, um grupo de morsas, o primeiro que avistava, repousava à beira do canal.

Faltavam menos de quinze milhas mas era difícil saber até onde poderia continuar. Às 3:10 GMT, 5:10 hora local, sabia que estava próximo. Mas não se via nada além de um oceano de placas de gelo e, ao sul, na ilha de Spitsbergen, a Terra Haakon VII. Ainda uma vez, subi no mastro, primeira cruzeta, depois na segunda, e entre as placas imensas vi uma falha. Pus os binóculos que viviam pendurados às costas. Lá estava: a ilha Moflen! Tão próximo, um sono tão distante...

Às 3:40 GMT, soltei a âncora em três metros de profundidade. Quinze minutos depois o *Sam* ancorou um pouco ao norte. Que felicidade! Que brutal felicidade!

Desvirei o Vagabundo, deitado no convés, baixei-o até a água e, remando com o meu último remo de Paraty que sobreviveu intacto, fui até uma placa de gelo encailhado onde joguei a pequena âncora. A ilha Moflen: apenas um fino anel de pequenas pedras com no máximo dois metros de altura, no formato de uma pera triangular que encerra, dentro, uma lagoa. Duas milhas de comprimento talvez, é a única reserva de procriação de morsas de Spitsbergen. Encontrei restos de deriva de toda espécie. Madeiras que chegam à deriva da Sibéria, plásticos de toda parte, cordas de polipropileno, bóias de redes. Entre o *Parathi* e a ilha, gelos chegando e, ao fundo, um dos famosos bancos de neblina. Era ariscado permanecer ali. Os canais iam mudando de posição e se a neblina nos pegasse seria difícil retornar.

A história de Moflen durou, no total, três horas. Cinco meses navegando da latitude 68° Sul até 80° Norte, milhares de milhas e apenas três horas. Três eternas e mara-

vilhosas horas. Antes de embarcar, juntei umas pequenas pedras que encontrei no caminho, todas com o formato da ilha, e às 8:40 subi a âncora para tentar retornar.

Foi então que o *Paratii* voltou a sua proa definitivamente para o sul. Para casa.

Não porque a ilha fosse tão longe de casa, tão alta em latitude, ou de acesso difícil — poderia ter sido qualquer ilha na baía da ilha Grande —, mas porque durante tanto tempo foi o lugar preciso onde sonhei chegar. Moffen transformou-se no cume de uma longa e linda escalada.

Tudo o que restou dela foi apenas uma dúzia de pequenas pedras que guardei na sacola azul. As pedras mais preciosas que alguém, um dia, já possuiu.

* * *

Pedras do Norte e do Sul se misturaram na sacola e a única coisa que me faria descansar agora era voltar. Sair do *park* não foi simples mas, ao final desse dia, 21 de julho, estávamos outra vez em águas livres.

O *Sam* retornaria para Kongsford e eu decidi seguir para o Brasil. Tinha um longo caminho até Jurnirim e era apenas para lá que queria ir.

Não gosto de despedidas de espécie alguma. A despedida do *Sam* foi maravilhosa, porque no fundo não foi uma despedida.

Navegávamos, lado a lado, em frente à paradisíaca entrada de Magdalenaford, sob sol forte e mar muito calmo. Eles sabiam que eu não entraria no fiorde. Estavam todos sentados na borda, ninguém no leme, em rumo igual, olhando o *Paratii* e sorrindo. Poucas horas antes, haviam me pre-sentado com dois pães quentes, um *paté maison* e um bocal de *rillettes de canard*, do Fauchon, "26, Place de la Ma-

deleine". "Você não vai ter tempo para cozinhar em alto-mar. Faça uma viagem segura até o Brasil."

Eu poderia gritar, ainda nos ouvíamos, também estava sentado, na calçada esquerda, rindo, e olhando em silêncio para eles.

Um grosso banco de neblina vinha à frente, e quando percebemos não houve tempo nem para um aceno de adeus. Fomos todos engolidos pela neblina, sorrindo, cada um em seu turno.

* * *

Um bem-estar profundo e sereno tomou conta da vida a bordo. O que antes me assustava ou preocupava agora fazia pensar. Pelas janelas de onde via apenas neblina e as velas cheias, fiz passar todas as imagens que desejei ver. E as toquei. Não há mais verdadeira e pura forma de sentir lugares do que tocá-los com a quilha de um barco. Ou com os dedos. A mais simples e universal maneira de expressar carinho. O toque.

Trazia o *Paratii* na ponta dos dedos e o sentia de maneira diferente também. No início, barulhos, choques, rangidos, o zunido do vento ou uma vela batendo causavam preocupação, nervosismo. Errando e aprendendo, batendo em gelos, ondas e pedras, fui descobrindo a origem dos sons e os limites da minha máquina vermelha. Se uma onda me pegasse de surpresa no convés, mesmo nos trópicos, antes eu gritaria e protestaria contra os elementos. Agora, com frio ou neve, se fosse surpreendido e ensopado, apenas tirava o cabelo pingando dos olhos com as costas das mãos e continuava assobiando. Talvez um certo embrutecimento, uma indiferença à dor e ao desconforto que o mar incute, como dizem pescadores do mar do Norte.

Não sei, talvez seja mais do que isso. Uma sensibilidade maior ao que de fato importa.

Fazia um sanduíche na cozinha com o pão caseiro do Sam, quando senti, nas tripas, um choque violento. Estrava mastigando um pedaço de pão. Parei. "Bom, mais novidades. O que será agora?" Houve um pequeno silêncio. "Se fosse um navio russo em colisão já saberíamos." Subi com o sanduíche na mão. Gelo talvez. Mas não havia nada. Vi apenas uns riscos na água à frente e, antes que pudesse adivinhar do que se tratava, uma colossal série de choques sonoros. Madeiras na água! Torasi. Acabava de atropelar duas das *drift woods*, toras de madeira que descem os rios da Sibéria, entram no gelo Ártico, derivando às vezes por séculos até desovarem próximo à costa da Groenlândia. Foi uma das coisas que mais me impressionaram em Spitsbergen: a quantidade de troncos empilhados aos milhares em algumas baías ou encostas voltadas para mar aberto. Em qualquer lugar é possível se fazer um fogueiro com lascas de madeira num país onde não existem árvores de espécie alguma. Tal como na Islândia, onde a coleta de madeiras de deriva que vêm sozinhas dar na costa sempre foi uma importante atividade nas vilas do Norte.

Não são apenas árvores, mas detritos flutuantes que percorrem esse lento caminho pelo *park* e vão parar em lugares muito distantes de sua origem. Um deles foi um pedaço do *Jeannette*, navio americano naufragado no gelo em 1881, próximo a Severnaya Zemlia, no Norte da Sibéria. Anos depois, os destroços do *Jeannette* foram encontrados na costa sul da Groenlândia. Tornaram-se a primeira evidência histórica da teoria de deriva transpolar, que inspirou Fridtjof Nansen a empreender sua tentativa de alcançar o pólo norte com o *Fram*, derivando no gelo a partir da Sibéria, por três anos.

Não houve dano, mas, se o *Paratii* fosse em plástico ou cimento, eu teria uma interessante explicação para um naufrágio: "Atropeliei umas árvores da Sibéria, próximo à Islândia".

Voltar. Voltar para casa era tudo o que eu desejava agora e descobri como é difícil interromper um caminho de volta, mesmo que seja para descansar. Nada no mundo me faria descansar antes de tocar o Brasil outra vez.

A única escala durante a descida de Mofen foi na costa leste da Islândia. Em Seydisfjördur, onde deveria aguardar uma encomenda que viria da Suécia. Um leme de ventar igual ao meu, como reserva, para uma futura viagem. Escala onde sofri um problema que não conheci em dois

anos de viagem.

Mergulhei outra vez numa parede de neblina e, sem uma carta de detalhe, aproximei-me da costa da Islândia às cegas. Sonda, radar, vento forte, a dez milhas da costa ainda não vira terra. A cinco milhas, nada ainda. Pensei em aguardar em alto-mar até subir a neblina, mas poderia ser pior. Às duas da manhã ainda não começara a clarear, estava a mil metros, andando de um lado para outro. Olhos grudados no monitor, numa escala cada vez maior, continuava sem enxergar nenhuma Islândia. Não é possível! Mais alguns segundos e eu quebraria o meu nariz num paredão de pedra. A entrada do profundo fiorde não tinha mais do que umas centenas de metros. Impossível! Folguei as velas, abaixei a grande, não estava disposto a terminar naufrágio na ilha onde Charcot afundou junto com o seu querido *Pouquoi Pas?* *Puffins* na água em volta, o paredão deveria estar apenas a alguns metros à frente. E, então, uma lua impressionante saiu por cima da neblina, duas muralhas surgiram à frente e uma passagem no meio. A entrada de Seydisfjördur. Dentro do forde, nem neblina, nem a me-

nor gota de vento. Liguei o motor, maravilhado com o espetáculo das altas escarpas e cachoeiras refletidas no espelho do canal. Doze milhas no fundo desse lugar mágico e apareceram as luzes e o desenho da pequena cidade espedhada na água. Não tinha a menor idéia de onde parar. Fiz duas voltas, procurando uma vaga em algum cais, olhando, para cima, as montanhas prateadas. Por fim, encostei num cais de madeira abandonado e torto. Saltei com uma das amarras na mão e delicadamente dominei o *Paratii*. Motor desligado, um silencio impressionante, a lua ainda viva e o dia nascendo. Nunca antes havia parado em lugar tão lindo. Nunca chegara tão perto de explodir... Sem sentir sono, montei a bicicleta, arrumei mais ou menos o barco, e saí pedalando pela cidade adormecida. Lindo lugar. Ninguém nas ruas. Dei uma volta até um posto de gasolina que estava com as luzes acesas, as portas abertas e... deserto. Voltei para o barco. Já estava tudo em ordem. Dormi um pouco.

Pela manhã fiz a entrada na imigração em cinco minutos, tudo resolvido. Fui a um café, lindo mas vazio. O posto de gasolina funcionando, e também vazio. Ninguém com quem falar. Nem tão lindo assim. De volta ao barco, nada a fazer, tudo em perfeita ordem. Quase parti sem aguardar a encomenda. Quase não agüentei esperar durante cinco dias.

A última visão deste silencioso país vulcânico, o alto das geleiras do Vatnajökull, desapareceu com um certo alívio.

O *Paratii* foi também aliviado de âncoras excedentes, ferros e correntes de atracagem, e lubrificantes que não usaria mais. Um bote de emergência ficou dobrado no convés e tudo o que poderia voar foi cuidadosamente amarrado.

O mês de setembro não é a melhor época para fazer uma viagem direta no rumo sul. Os ventos e a corrente são contrários e o mau tempo freqüente.

Desde que havia passado ao sul do círculo polar, o frio diminuiu mas, com a umidade, os ventos fortes e o mar agitado logo ao sul da Islândia, a vida ficou bem menos confortável. Ou, pensando bem, nem tanto. Deitado, avançando e furando as ondas, me surpreendi imaginando que, em igual paisagem, dez séculos atrás, outros barcos também cruzaram essas mesmas águas, entre as ilhas da Europa, o Sul da Islândia, a Groenlândia e a América. Barcos espetaculares, que em matéria de desenho e técnica ainda têm o que nos ensinar. Os vikings da Islândia, quando, nos séculos IX e X, ali desembarcaram vindos da Noruega, levavam mais do que gado, escravos celtas, ferramentas ou armas. Não muito maiores que o *Paratii*, com quinze ou dezesseis metros, quinze a vinte homens cada um, seus barcos transportavam uma cultura que se traduziu em livros compilados a partir do ano 1000 — as suas "sagas" —, numa época em que na Europa os livros praticamente não existiam. Do início do século XII data um livro de instruções náuticas, o *Landnámabók*, com indicações para travessias entre as Shetland, Faeroe, Islândia e Groenlândia. Os povos do Norte, em suas andanças no século XI, não vieram para descobrir a América, mas para nela iniciar uma colonização. Gudrid Thorbjarnardóttir — uma mulher viking que acompanhou Erik, o Vermelho, na colonização da Groenlândia; casada com o irmão de Leif Eriksson, morto na América, e depois com Thorfinn — deu à luz, na Terra Nova, ou Vinland, a um menino, Snorre, a única criança branca nascida na América até a chegada dos espanhóis, quinhentos anos mais tarde. Uma colonização que não durou mais do que

três anos, expulsa pelos *skrivlingar*, como eles chamavam os índios americanos.

Os *knorr* foram barcos notáveis e seus navegadores ainda mais. Fizeram dessa parte do Atlântico um rendilhado de rotas de navegação que nenhum outro povo jamais igualaria.

É preciso conhecer todas as faces do Atlântico Norte, nesta latitude, a bordo de um moderno barco à vela de quinze metros, e ter visto a réplica de um *knorr* navegando para entender do que os descendentes de Erik foram capazes.

Na noite de 20 de agosto, velejando na "região maldita" do Atlântico Norte, entre Irlanda e Groenlândia, e ainda contrariando um tempo de pesadelo, cometi um erro ao dar um bordo. A vela da proa se abriu e voou em pedaços. Poderia ter levado junto o mastro, melhor assim, pensei. Subi uma vela de reserva e, dois dias depois, já estava livre de uma eventual aterragem na Irlanda. Os ventos ressoaram colaborar e, agora, mesmo se só dispusesse de uma vela quadrada de *knorr*, sabia que em breve alcançaria o Equador e, um pouco além, Jurnunim.

No rádio, tornei-me ouvinte habitual todas as noites de uma senhora formidável de Curitiba, a América, pV 5 AEV, por quem mandava recados e ouvia notícias do Brasil. Notícias! Que falta faz um jornal do dia para ler de manhã, tomando café! Qualquer coisa para ler. Ultimamente andava lendo o *Treatado do Stralband*, que consegui em Ny Ålesund, e depois um livro que ganhei do Viljela e que quase perdi.

Cedo, tomando café na varanda e lendo ao mesmo tempo, duas explosões seguidas, como tiros, numa manhã de mar tranquilo, me pegaram tão distraído que o café parou no chão e o livro do Viljela — *The roots of coincidences*, de Arthur Koestler — saiu voando e quase parou no Atlânti-

co. No céu, dois aviões supersônicos acabavam de romper a barreira do som.

Primeiro de setembro. Primeiros peixes-voadores. Viva!!! De volta aos alísios! Que oceânica alegria um pequeno peixe-voador pode trazer! Entrei na avenida que desce o Atlântico até o Equador! A estrela polar agora a 30° de altura, número da minha latitude.

Fiz uma revisão completa na Florence, troquei os cabos de controle e engraxei todos os eixos. Mil e oitocentas milhas até cruzar a velha linha que separa os hemisférios. Longe ainda em milhas, mas ao menos a certeza de não mais encontrar mau tempo.

Voltei a ler o livro do Koestler num dia de sol espetacular, a seiscentas milhas do Equador, sentado na praça, em frente ao mastro, como um hindu nu, de pernas cruzadas, com o livrinho no colo. Ouvia um barulho estranho, parecia a vela nova vibrando um pouco. Vento a favor, mar calmo, todas as velas abertas, visibilidade perfeita e ainda por cima fora das principais rotas de navegação. O desperdador tocou o seu religioso alarme de cada quarenta e cinco minutos. Mal tirei os olhos do livro. O barulho da vela continuou mas não me mexi para tentar uma regulagem melhor, afinal o vento era tranquilo e a vela poderia esperar um pouco. De repente, o barulho aumentou. Quando levantei os olhos fiquei paralisado. Por entre as velas da proa, uma parede de aço cinza com o nome *Mar Frio*, em letras gigantes, estava passando. Um navio argentino, vindo a toda velocidade, em rumo ideal de colisão. Menos de cem metros nos separavam e eu ia entrar bem no meio dele. Um monte de argentinos no convés. Em pânico, saí correndo e a primeira idéia que me ocorreu foi procurar o calção. Loucural! Não havia tempo. Veleiros não têm freios. Desconectei o piloto e, à força, tentei virar o leme. Com todo o pano

a favor, não é das tarefas mais fáceis. Passei a uma pequena distância da popa do *Mar Frio* e atravessei a onda que se formava em sua esteira. Por um triz! Eu não estava no bordo preferencial, mas que importa? Contra um navio não vale a pena ter razão. É melhor ficar distante. Durante dois dias não dormi direito de susto. É muito fácil em águas tranquilas e favoráveis cometer erros imperdoáveis.

A estrela polar desapareceu no horizonte e eu entrei no hemisfério sul sob uma nova bateria de trovoadas e chuvas abundantes.

Às 12:48 GMT do dia 23 de setembro, na passagem do equinócio, anotação no diário: "Bem-vinda, primavera", e logo em seguida, roubando Fernando Pessoa:

... *Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal...*

O *Paratii*, coberto de lágrimas de Portugal, uma verdadeira salina. Borrifos esporádicos iam secando no convés sob o sol forte, deixando uma fina camada de sal branco como neve por toda parte.

Cada vez mais perto. Mil quatrocentas e sessenta e oito milhas até a Joatinga!

No dia 29 de setembro entrei na carta brasileira 70 — de Belmonte ao Rio de Janeiro. Águas já navegadas, que enorme emoção... uma andorinha do mar com aspecto muito cansado e molhada passou a residir na plataforma do leme. Ao me aproximar, subia para a antena do radar sem se afiatar. Bom ter uma companhia a esta altura.

No qso semanal com o Alvaro, soube que o Hermann havia deixado a Hanseática com o *Rapa Nui*, rumo a Paraty. Puxa vida! Quando? Quando?

A 3 de outubro, após uma bela demonstração de mar

agitado e forte na "área de precaução B", por fora das plataformas de petróleo de Campos, um pequeno grupo de baleias humpback passou ao lado. A andorinha "molhada" partiu e o vento se acalmou. Mas as ondas curtas e desencotadas faziam o barco avançar com dificuldade.

Noite escura de tempo encoberto, durante a madrugada um halo luminoso muito fraco escapou sob as nuvens ao norte. A única coisa que consegui dizer foi "puxa vida". Era o clarão da cidade do Rio de Janeiro, além do horizonte.

Às 9:00 GMT havia um contato marcado com o Alvaro. Ele entrou tranqüilo na freqüência, mas nervoso na voz. Me pediu a posição e uma estimativa de chegada.

"Não tomei a posição, Alvaro. Estou a quinze milhas a sudeste da Joatinga. O Brasil à proa. Que linda é a terra que eu vejo!"

Terra azul, como um sonho à distância, que pouco a pouco vai ganhando contorno, detalhes e torna-se verde.

Às 14:10, passei por fora da Joatinga, no rumo da ponta Grossa de Paraty. Todas as ilhas que eu conhecia tão bem, ao redor, nos mesmos lugares. Um pequeno ponto escuro vinha à proa. Um veleiro. Peguei os binóculos. Dois mastros, casco azul. Um barco que eu conhecia muito bem... o *Rapa Nui* se aproximando a motor, velas baixas, quase não havia vento, e um mormaço denso tornava as montanhas e ilhas ao redor verdes e vivas como nunca eu havia percebido. Ainda segurando os binóculos, me apoiei no mastro para ver quem estava a bordo.

Os cabelos dourados e brilhantes da Cabeluda, o Hermann com um casaco vermelho, e dois amigos.

Próximo à ilha dos Cocos, ouvi outra vez a querida sirene do *Rapa Nui*. Fizeram uma volta e se aproximaram. A Cabeluda no leme, um gesto com os braços para cima, algo nas mãos, me atrairam uma lata de cerveja e uma la-

ranja brasileira, que eu agarrei no ar. Os dois maiores presentes que já ganhei na vida.

Guardei a lata e com o fiel canivete preto cortei a lanja de um pólo ao outro, em quatro gomos.

Seguíamos rumos paralelos, os quatro a bordo da escuna azul, rindo. Navegando juntos outra vez. O *Paratii* ainda guardava uma marca azul do *Rapa Nui*, quando, na viagem inaugural, velejando próximos demais, nos chocamos ao largo da Joatinga. Ao passar a ponta Grossa de Paraty, eu vi, ao fundo, distante, o recorte branco das casas da cidade contra a serra. A matriz e as palmeiras imperiais que marcam Paraty. À esquerda, o nosso canto, a baía de Jurumirim.

Três da tarde, talvez, não lembro das horas nem do tempo. Entrei em silêncio na pequena e escondida baizinha. Próximo à praia, soltei a âncora com o barco ainda em movimento, a corrente correu, esticou e a proa do *Paratii* voltou-se com suavidade para fora. "Prendeu." As velas já estavam amarradas. Desliguei o motor. Silêncio. UFA! De volta, *exatamente* ao mesmo pedaço de areia que deixei vinte e dois meses e vinte e sete mil milhas atrás, como se tivesse apenas ido buscar gelo na cidade. Como se o tempo não tivesse passado e, entre os gelos dos pólos e Jurumirim, não houvesse distância.

Os coqueiros grandes deram novos frutos e os pequenos estavam maiores. Em um instante.

Na calma de Jurumirim, ouvindo as vozes distantes no *Rapa Nui*, continuei em pé, olhando em volta, esperando por eles, que demoravam, para ir até a praia. Vinte e dois meses para alcançar a mesma areia da partida. Poderia nesse tempo ter vivido aqui entre as montanhas e o mar de Paraty, como já vivi antes. Feito, quem sabe, uma grande via-

gem à sombra dos coqueiros, sem ter de percorrer vinte e sete mil milhas ou tocar os gelos do sul e do norte.

De nada serviria. Não teria chegado a lugar nenhum. Não teria voltado. E não teria nunca descoberto que o mais alto dos sonhos é feito de um punhado de pedrinhas numa sacola azul.

Anexo 5 - Exercício de compreensão leitora

COMPREENDENDO A AULA

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o que foi exposto na aula em que foram apresentados blogs, vídeos e textos sobre relatos de viagens. Utilize suas próprias palavras.
1. Você percebeu as características dos blogs apresentados? Como eles são estruturados?
 2. O que achou do relato de viagem através do twitter? Você já tinha visto algo parecido? Descreva.
 3. No trecho do filme da Família Shürmann, você percebeu se os viajantes se impressionaram com algo?
 4. O que você diz sobre a estrutura do livro de Amyr Klink, apresentado pela professora? O que ele tem de diferente do livro de Zeca Camargo?
 5. O que é relatado no texto do Amyr Klink?
 6. Você percebeu que a descrição é presente no texto? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 7. Observe as formas verbais que são utilizadas no texto. Em que pessoa os verbos são empregados?
 8. Há personagens no texto lido?
 9. As ações e os fatos apresentados no texto localizam-se em qual momento do tempo: no presente, no passado ou no futuro? Justifique a sua resposta com base em exemplos tirados do texto.

Referências:

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.

CEREÇA, George. *Toda La América Del Sur*. Blog disponível no site: <http://cereca.wordpress.com/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

FENIANOS, Eduardo. *Expedições Urbanauta*. Site disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

_____. Twitter de @urbenauta. Disponível no site: <https://twitter.com/#!/urbenauta> Acesso em 10 de abril de 2012.

KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois polos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Hoje entendo bem meu pai...* Site disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

SHÜRMAN. *Família Shürmann*. Site disponível na página:

http://www.schurmann.com.br/familiaaventura/familia_aventura.asp Acesso em 10 de abril de 2012.

Anexo 6 - Orientações para a escrita em duplas

Formem dupla com um colega e sorteiem um número com a professora. Dependendo do número, escrevam um relato de viagem segundo tal personagem. Ou seja, será como se o próprio personagem estivesse relatando a viagem que realizou. Depois de escreverem, vocês irão apresentar o relato para a turma.

Não esqueçam de levar em conta em seu texto que será, posteriormente, oralizado:

- A característica da fala deste personagem;
 - As impressões deste personagem ao chegar a este lugar;
 - Descrevam a sua chegada; formas de acesso ao lugar; o clima; a vegetação/arquitetura.
 - Como foi a sua locomoção, se aconteceu algum imprevisto;
 - O tipo de pessoas que o personagem encontrou ao chegar ao seu destino;
 - Como este personagem imagina que as outras pessoas o viram;
 - O que ele foi fazer neste lugar.
- 1) Um nativo da Ilha de Santa Catarina, analfabeto, mora no Ribeirão da Ilha, não costuma sair da redondeza, pescador, viaja para Porto Alegre para encontrar um parente que não vê há anos.
 - 2) Um nativo da Ilha de Santa Catarina, que possui o terceiro grau completo, mora no Centro de Florianópolis, médico, viaja para uma cidadezinha do interior de Santa Catarina a trabalho.
 - 3) Um paulista, que possui o terceiro grau completo, mora na capital de São Paulo, está acostumado com a agitação da cidade grande, professor, viaja para Florianópolis e fica no Ribeirão da Ilha para conhecer o lugar.
 - 4) Uma paulista, que mora no interior de São Paulo, que estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, não costuma sair da redondeza, dona de casa, viaja para uma cidade vizinha, que já possui banda larga, para mandar um documento ao filho, por email.
 - 5) Uma gaúcha, que mora no Centro de Porto Alegre, que possui o segundo grau completo, trabalha em um banco movimentado, viaja para Florianópolis e fica na Barra da Lagoa em suas férias de inverno.
 - 6) Um gaúcho, que mora no interior do Rio Grande do Sul, que estudou até a 8ª série do Ensino Fundamental, não costuma sair da redondeza, agricultor, viaja para Porto Alegre para conhecer novos equipamentos para o trabalho no campo.

Anexo 7 - Orientações para a escrita individual em casa

Orientações para Escrita em Casa

Selecione uma experiência que você tenha vivido de verdade e que gostaria de compartilhar. Pode ser uma viagem ou um passeio a um lugar que você nunca tinha visitado. Esboce o relato desta experiência em uma folha avulsa, registrando eventos principais dos quais se lembra. Releia seu esboço e modifique-o, se achar necessário.

Com base no que você aprendeu até aqui sobre relatos, transforme seu esboço em um relato de viagem. Você deverá trazer este texto para a próxima aula, no dia **08 de maio**. Não esqueça de trazê-lo, você utilizará este texto para uma posterior produção escrita.

Não esqueça de inserir em seu texto:

- Imagine que seu relato vá ser lido por pessoas no futuro. Pense nos aspectos que você gostaria que elas percebessem da experiência relatada.
- O que você foi fazer neste lugar?
- Quais foram as suas impressões ao chegar a este lugar?
- Descreva a sua chegada; as formas de acesso ao lugar; o clima; a vegetação/arquitetura.
- Como foi a sua locomoção, aconteceu algum imprevisto?
- Qual foi o tipo de pessoas que encontrou ao chegar ao seu destino?

Anexo 8 - Exercício de compreensão leitora sobre a carta de Caminha

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o excerto, lido em sala, do livro “Carta a El-Rei D. Manuel”, de Pero Vaz de Caminha. Utilize suas próprias palavras.
 1. Sobre as condições de produção da carta, defina quem é o remetente, de que lugar escreve e para quem é endereçada.
 2. O que você diz sobre a estrutura da carta, apresentada pela professora?
 3. Qual é o tema/ assunto da carta? A partir de que indícios pode se perceber a presença de um relato de viagem no texto?
 4. Quais as diferenças deste relato de viagem: a carta de Pero Vaz de Caminha para o Relato da “Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo, trabalhado em aulas anteriores?
 5. Há personagens no texto lido?
 6. Qual a finalidade a que a carta se presta?
 7. Qual a importância da descrição para a constituição desse texto como gênero Relato de Viagem? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 8. Como é a linguagem da carta: contemporânea ou de outra época? Justifique com exemplos do texto.
 9. Destaque o vocabulário que você desconhece e procure dar um significado a partir do contexto.
 10. Destaque os pronomes de tratamento na carta e explique sua função dentro do texto.
 11. Explique, brevemente, como se deu a viagem do autor.
 12. Qual foi o sentimento do viajante ao observar terra à vista?
 13. Como é o cenário descrito pelo viajante?
 14. Destaque um trecho que demonstrou a surpresa e/ ou as dificuldades encontradas pelo viajante.
 15. Como os homens da terra nova são descritos pelo viajante?
 16. Qual é o olhar do viajante para as descobertas da terra encontrada? Qual a intenção de sua descrição para seu interlocutor?

Referência Bibliográfica:

CAMINHA, Pero Vaz de, *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

Anexo 9 - Orientação para a escrita entremeando o vivenciado e lido

Orientação de Produção Textual- Aulas 9 e 10

Relato de Viagem entremeando o vivenciado e o lido

Produza um relato de viagem que contemple a estrutura e as características do gênero, amplamente trabalhado durante as aulas anteriores, que utilize o relato de uma viagem ou passeio vivenciado por você, produzido em casa, entremeando aspectos relevantes do livro do mesmo gênero escolhido por você para leitura.

Busque fazer associações: semelhanças e/ ou diferenças entre as duas viagens, cruzando aspectos encontrados em sua leitura para enriquecer o relato de sua própria viagem.

Atente para os aspectos: adequação ao gênero, adequação à proposta da atividade, coesão e coerência e adequação à norma padrão de escrita, os quais serão os critérios da avaliação do seu texto.

Entre nesta viagem...

Anexo 10 - Orientação para a reescrita

Orientação para segunda versão da Produção Textual- Aulas 11 e 12

Relato de Viagem entremeando o vivenciado e o lido

Reescreva seu Relato de Viagem buscando corrigir/ melhorar seu texto de acordo com as considerações feitas na correção e os aspectos linguísticos trabalhados em aula.

Atente para os aspectos: adequação ao gênero, adequação à proposta da atividade, coesão e coerência e adequação à norma padrão de escrita, os quais serão os critérios da avaliação do seu texto.

Vale ressaltar que a maior nota obtida na primeira ou segunda versão é que será considerada.

Bom trabalho!

Anexo 11 - Orientação para a digitação em casa

Orientação para Digitação em Casa

Vamos preparar o nosso Blog? Você deverá digitar, em casa, a sua última versão do texto em que compara o livro que você leu com uma experiência que você viveu e trazer para a próxima aula, dia **22 de maio**. Não se esqueça de trazer esta atividade pronta (em um pendrive, ou envie para o seu email), pois, neste último dia com as estagiárias, você irá postar seu texto no Blog e inserir imagens e vídeos que desejar para ilustrar seu post. A intenção é socializar os textos que todos da turma escreveram.

Anexo 12 - Blog criado para a turma

